

Educação para a velhice e a morte em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe

*Education for old age and death in The machine for making spaniards,
by Valter Hugo M  e*

Anna Clara Monteiro Basso¹

Artur Toledo Teixeira²

Bruna Sandre Kono³

Mariane Moraes Silva⁴

Nathália Pereira Reis⁵

Denise Stefanoni Combinato⁶

RESUMO

No cenário contemporâneo, a velhice é frequentemente considerada como um período de perdas físicas e simbólicas. O luto e a morte são vivências que adquirem diferentes representações sociais ao longo do tempo. Compreender como a morte e o luto são experienciados e subjetivados pela pessoa idosa se mostra objeto de grande interesse para a atuação sensível na Psicologia. Assim, o presente artigo tem como objetivo descrever uma atividade educativa realizada com graduandos do curso de Psicologia, a qual consistiu na leitura e análise da obra literária de Valter Hugo Mäe, *A máquina de fazer espanhóis* (2016). Para isso, foram realizadas a leitura individual extraclasse da obra e discussões coletivas em sala de aula, além de produções individuais de ensaios críticos. Essa atividade educativa abordada neste artigo demonstrou o potencial da literatura para a educação para a velhice e a morte, destacando a multiplicidade de perdas e as possibilidades de ressignificação presentes no processo de envelhecer.

Palavras-chave: luto; velhice; psicologia; literatura.

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG. E-mail: clara.basso@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0706-4445>.

² Graduando em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG. E-mail: artur.teixeira@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3059-829X>.

³ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG E-mail: bruna.kono@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7449-7764>.

⁴ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG. E-mail: marianemoraes@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8070-0785>.

⁵ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia. E-mail: nathalia.reis1@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9737-2737>.

⁶ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo/SP. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo/SP. Graduada em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), São Paulo/SP. Docente no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia/MG. E-mail: denise.combinato@ufu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-0289>.

ABSTRACT

In the contemporary setting, old age is frequently considered a period of physical and symbolic losses. Grief and death are experiences that acquire different social representations over time. Understanding how death and grief are experienced and internalized by the elderly person becomes a subject of great interest for sensitive practice in Psychology. Thus, the present article aims to describe an educational activity carried out with undergraduate Psychology students, which consisted of reading and analyzing the literary work of Valter Hugo Mãe, *The Machine for Making Spaniards* (2016). To this end, individual out-of-class reading of the work and collective discussions in the classroom were carried out, in addition to individual productions of critical essays. This educational activity addressed in this article demonstrated the potential of literature for old age and death education, highlighting the multiplicity of losses and the possibilities of re-signification present in the aging process.

Keywords: grief; old age; psychology; literature.

1 Introdução

A morte e a vivência do luto receberam, ao longo do tempo, diferentes representações sociais, que variam de acordo com a cultura, o contexto histórico e o modelo econômico vigente.

Nas sociedades contemporâneas – capitalistas e de cultura ocidental –, com frequência, a morte relaciona-se à doença, degradação física e mental e, especialmente, à velhice. O sujeito, frente à deterioração de suas capacidades físicas, cognitivas e emocionais, enfrenta uma série de perdas; entre elas, a perda da autonomia, somada à impotência diante da iminência do fim da vida. Soma-se, ainda, a desvalorização enquanto sujeito social: a saída do mercado de trabalho pode ser compreendida como sinônimo de improdutividade e, consequentemente, desvalorização e exclusão do aposentado (Reis; Facci, 2015).

O modo como a pessoa idosa vivencia e subjetiva a experiência da morte – e a expressão do luto – não é um processo linear e homogêneo, sendo circunscrito por diferentes determinantes, como o caráter e a importância do objeto perdido, a cultura individualista ou coletivista, a constituição singular do sujeito, a presença ou ausência de rede de apoio, as circunstâncias da perda, as experiências já vivenciadas de vida e morte, e o ambiente no qual o enlutado está inserido (Sousa, 2016).

Na formação em Psicologia, estudar as mortes (simbólicas e concreta) da pessoa idosa, tendo em vista uma atuação sensível e competente, não é uma tarefa simples, dado o contexto cultural de negação da morte, de invisibilidade da pessoa idosa, além da dor e do sofrimento presentes nos processos de morte e luto.

Kübler-Ross (1998), uma das pioneiras nos estudos sobre a morte, lamenta que o morrer tem sido uma vivência carregada de tristeza, especialmente porque se trata de um momento “muito solitário, muito mecânico e desumano” (p. 11-12).

Dai a necessidade de se ofertar cursos sobre a morte e o morrer, ou, como denomina Kovács (2008), uma *educação para a morte*. Tais cursos podem promover mais subsídios para os profissionais lidarem com pacientes e familiares, com conhecimentos e habilidades para a realização do cuidado – incluindo a expressão de afetos e a reflexão pessoal sobre o sentido da vida. Em revisão de literatura sobre esses cursos, a autora identifica a mediação da arte, especialmente do teatro, da literatura e do cinema, como uma estratégia na

formação de profissionais da saúde, tendo em vista o desenvolvimento da sensibilidade e da escuta.

Nesse sentido, foi proposta a leitura e a discussão da obra literária *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mão (2016), em uma disciplina obrigatória de um curso de graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que tem como conteúdos principais a velhice, a morte e o luto, a fim de explorar como as perspectivas literárias de Mão (2016) contribuem para a *educação para a velhice e a morte*. Assim, o objetivo deste relato de ensino é descrever a experiência dessa atividade educativa através da discussão sobre como a leitura e a análise dessa obra literária podem inspirar uma reflexão sobre morte e vida na velhice, tendo em vista a educação para a velhice e a morte de futuros profissionais de Psicologia.

2 Metodologia

Esse relato de ensino, com análise de aspectos de conteúdo e forma da obra *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mão (2016), centra-se na experiência de uma atividade vinculada a disciplina obrigatória oferecida no quinto período de um curso de graduação em Psicologia de uma Instituição pública de Ensino Superior, que apresenta como principais conteúdos programáticos a velhice, a morte e o luto. Trata-se basicamente do único momento da graduação em que esses conteúdos são abordados mais sistematicamente.

No segundo semestre de 2024, como parte regular da atividade da disciplina, a turma de 46 estudantes leu (extraclasse) e discutiu (em classe) a obra literária *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mão (2016). Essa obra foi escolhida pela proximidade do enredo com os conteúdos da disciplina (velhice, morte e luto) e também pela qualidade do escritor, reconhecida internacionalmente através dos vários prêmios que já recebeu, incluindo o prêmio José Saramago. Valter Hugo Mão nasceu em 1971, em Angola, mas desde muito cedo vive em Portugal, espaço onde se passa a narrativa.

A cada semana de aula, os estudantes liam de dois a três capítulos da obra, conforme planejamento prévio, para discuti-los coletivamente nos últimos 30 minutos de aula. Além da discussão, como atividade avaliativa, cada estudante deveria escolher dois a três capítulos para a realização de um ensaio crítico que articulasse o conteúdo da obra literária com algum texto teórico-técnico referenciado no Plano de Ensino da disciplina.

Destaca-se aqui a importância da literatura como mediadora no processo de educação e, mais especificamente, de *educação para a velhice e a morte*. De acordo com Candido (1988), a literatura deve ser compreendida como bem incompressível, isto é, um direito humano universal, devido, principalmente, à sua capacidade de humanização. Para o autor, através da vivência proporcionada pela literatura, confirmam-se no homem “traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, etc.” (Candido, 1988, p.180). Segundo Combinato (2018), é dever da educação escolar disponibilizar elementos culturais (como a literatura) para que essa humanização ocorra e esses traços sejam apropriados pelas pessoas. A leitura e a análise da obra de Valter Hugo Mãe no contexto universitário visou promover nos estudantes uma relação mais ativa e consciente com a realidade do envelhecimento e da morte.

Vale ressaltar que a professora responsável pela disciplina, além da graduação em Psicologia, é graduada em Letras, o que facilita o diálogo entre as duas áreas. Ao longo do curso, outras obras artísticas foram exibidas ou lidas, na expectativa de contribuir com a formação da sensibilidade dos estudantes. Ademais, a abordagem teórico-metodológica adotada pela professora na disciplina é a Psicologia histórico-cultural, que tem, como um de seus principais representantes, Vigotski. De acordo com essa abordagem, sujeito e sociedade se transformam através de um processo complexo e ativo de multideterminações. Um dos estudos de Vigotski foi *Psicologia da Arte* (1999, p. 269), no qual ele explica como se dá o processo de produção e de apropriação da obra de arte. A partir da contradição entre forma e conteúdo, o receptor pode passar por uma catarse, caracterizada por uma “complexa transformação dos sentimentos”; ou seja, a partir de uma contradição emocional desencadeada pela contradição de elementos presentes na obra de arte, acontece um curto-circuito no receptor.

Outro conceito sistematizado pelo autor, em outra obra, é a vivência. Segundo Vigotski (2010, p.686),

a vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado *como eu vivencio isso*, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência (grifos nossos).

Isso significa que a vivência inclui as particularidades de uma determinada situação

que, necessariamente, se articula às particularidades da pessoa; ou seja, a vivência integra como cada um se apropria da situação vivida a partir de sua subjetividade. Vinha (2010), tradutora dessa obra de Vigotski, apresenta que o termo utilizado por Vigotski é *perejivánie*, que consiste do prefixo *pere-* (através) e *-jit'* (viver), sendo que, etimologicamente, o termo significa “viver através” de algo. A partir do contexto apresentado por Vigotski e da análise das línguas russa e portuguesa, a tradutora apresenta o conceito de vivência associado à definição na língua portuguesa como sendo um “conhecimento adquirido no processo de viver ou vivenciar uma situação ou [no processo] de realizar alguma coisa” (p. 683).

Considera-se importante explicar tais conceitos, já que serão tematizados e discutidos ao longo dos resultados.

3 Resultados

Os resultados apresentados aqui são parte dos ensaios críticos produzidos pelos autores deste artigo, entregues como atividade avaliativa da disciplina. Tais resultados não apenas discutem o enredo e a construção formal da obra literária, mas ilustram as interseções da obra com os receptores que, a partir de suas leituras de mundo, interpretam e produzem sentidos, demonstrando a contribuição da arte na educação para a morte.

Vários poderiam ser os aspectos abordados a partir dessa obra, seja do ponto de vista do conteúdo, seja do ponto de vista da forma, tendo em vista a educação para a velhice e a morte. Foram selecionados aqueles que os estudantes autores desse artigo mais se conectaram ou, como explicaria Vigotski (1999), aqueles aspectos produtores de catarse em cada um.

Os trabalhos de Vigotski (1999) se instituem como campo profícuo à discussão acerca do liame Arte-Psicologia. A arte alude, sempre, ao social concreto e, portanto, à realidade material (mediada) e a seus delineamentos histórico-dialéticos. A dialética individual/social se faz valer à constituição da arte: ao recriar a realidade material, subjetiva-se o objetivo real pela apropriação, ao mesmo tempo em que se objetiva o subjetivo, expresso na ação intencional que a concebe. Ao suscitar emoções contraditórias e sua respectiva superação, a arte propicia um salto qualitativo – reorganização das funções psicológicas superiores –, que se faz valer por intermédio da reação estética. A contradição entre conteúdo (material; enredo) e forma (arranjo do material conforme as leis da estética)

da unidade artística suscita a *catarse* (Barroco; Superti, 2014). De acordo com Vigotski (1999, p. 272-272), “a oposição que encontramos entre a estrutura da forma artística e o conteúdo é o fundamento do *efeito catártico da reação estética*” (grifo nosso).

Fundamento da reação estética, a *catarse* se define na transformação de emoções antagônicas em sentimentos relativos ao gênero humano (Vigotski, 1999) – no campo da dialética individual/social, eleva-se a arte como um todo, bem como a constituição intrapsíquica do(s) próprio(s) sujeito(s) por ela transformado(s) (Barroco; Superti, 2014).

Assim, discutiremos nesse relato as vivências de morte (em primeiro lugar) e vida de um idoso enlutado, que reside em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Embora possa parecer redundante falar de *vivências de vida*, pretende-se enfatizar que aquilo que representa a vida no binômio vida-morte (amizade na velhice, por exemplo) está ligado ou é interpretado de acordo com o modo de ser do personagem ou de cada sujeito, conforme o conceito de vivência apresentado anteriormente, fundamentado em Vigotski (2010). Propositalmente, escrevemos as vivências inicialmente de morte, porque o personagem chega à ILPI imerso em um processo de luto diante da perda da esposa e das perdas de si, ao ser institucionalizado pela filha contra sua vontade. A vida, nesse relato de ensino e na obra literária, aparece posteriormente, após a vivência da amizade e da escrita como um despertar para novos sentidos de vida. As vivências de vida não acontecem separadamente, mas ainda são (talvez sempre, na literatura e na realidade) permeadas por morte.

Antes disso, cabe uma breve caracterização da obra e do personagem principal, senhor António Jorge da Silva, que ora será referido nesse artigo por António, ora por Silva, ora por senhor Silva, tal como se apresenta na obra. Essas diferentes formas de se referir ao personagem podem dar uma dimensão das diferentes representações da identidade em um único ser. Segundo Ciampa (1994, p.67), diante de cada contexto e relação social, manifestamos parte de nós mesmos “como desdobramento das múltiplas determinações” e, assim, “estabelece-se uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade”. Além disso, a referência ora ao nome, ora ao sobrenome, pode indicar a relação entre singularidade e universalidade que esse personagem representa: “é preciso considerar que todo esse processo entre indivíduo (o singular) e o gênero humano (o universal) se concretiza na relação que o indivíduo tem com a sociedade (o particular)” (Oliveira, 2005, p.29).

Em *A Máquina de Fazer Espanhóis*, Valter Hugo Mão (2016) aborda, de forma

delicada e profunda, as angústias e reflexões de um idoso de 84 anos, residente em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), após a perda de sua esposa. A narrativa, caracterizada pelo uso predominante de letras minúsculas – inclusive nos nomes próprios – e pelo emprego exclusivo do ponto final como pontuação, permite múltiplas interpretações. Uma delas é que as minúsculas podem indicar a inferioridade sentida pelos portugueses e pelos velhos institucionalizados (Carreira, 2012); também podem chamar atenção sobre a igualdade entre as palavras (Cunha, 2019) e por que não entre as pessoas; ou ainda uma tentativa de eliminar as hierarquias, aproximando os personagens e o próprio leitor do narrador. Outra interpretação, nesse caso para a ausência de pontuação, pode apontar uma estratégia de o autor demonstrar como a fluidez na escrita/leitura se assemelha à vida, expondo os pensamentos e os afetos do protagonista como um fluxo de consciência de alguém assustadoramente real, quase como de carne e osso, com emaranhados afetivos tão complexos como os nossos próprios.

Conforme analisa Lourenço (2023) em relação a essa obra, o caráter interdiscursivo – como figuram distintas referências (sinalizadas ou encobertas) à luso-literatura – e eminentemente dialógico em termos linguísticos, sociais e históricos, inscrevem *A máquina de fazer espanhóis* (Mãe, 2016) no campo discursivo da alteridade estética. No encadeamento de discursos graficamente (des)assinalados do plano literário, “isto é, a função estético-formal engendradora da obra”, o autor-criador permite a produção de distintos e ambivalente sentidos poéticos (dis)tensionados e particulares (p. 191).

No que tange ao conteúdo da obra, é possível também fazer uma interpretação alegórica, entendendo o lar Feliz Idade e as interações entre os personagens como sendo uma alegoria à situação político-social de Portugal após quarenta anos de ditadura salazarista (Cunha, 2019).

Este romance caracteriza-se por uma prosa poética, abordando temas como velhice, solidão, morte e luto através das vivências que incluem atividade e memória, interações sociais e afetos de um protagonista brutalmente honesto. Analisaremos, a seguir, dois recortes especialmente temáticos (vivências de morte e de vida) – mas que são indissociáveis da forma –, a partir da leitura e da discussão da obra *A máquina de fazer espanhóis* (Mãe, 2016), que foram recortes apresentados por estudantes de Psicologia, em uma experiência do processo ensino-aprendizagem que articulou conteúdos teórico-técnicos da área específica de Psicologia do Desenvolvimento (velhice, morte e luto) com a arte literária.

3.1 Vivências de morte

Abalado pela perda de Laura, António é levado para uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), contra sua vontade, e imediatamente após a morte de sua esposa Laura. Angustiado, enfurecido, revoltado, entristecido, abandonado, António não vive apenas o luto de perder sua companheira, mas passa a experimentar também todas as perdas que sua inserção em uma ILPI simbolizam em sua vida.

As Instituições de Longa Permanência para Idosos foram criadas no Brasil com o objetivo de promover assistência às pessoas com mais de 60 anos, sendo responsáveis não apenas pela moradia, mas também pelo cuidado e bem-estar físico, emocional e social (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013).

Em Portugal, local onde se passa a narrativa de Mãe (2016), há dois tipos de lares residenciais para pessoas idosas: 1) acolhimento familiar destinado a pessoas com idade a partir de 60 anos, definido como alojamento temporário ou permanente, desenvolvido na casa de uma família capaz de garantir um ambiente estável e seguro; destinado àqueles que, por diferentes razões, não podem permanecer nas suas casas; e 2) estrutura residencial (lar) destinada a pessoas com idade a partir de 65 anos, com acesso permanente ou temporário, auxiliada com cuidados prestados por profissionais da área de Enfermagem (Portal de Serviços Públicos da República Portuguesa, s.d.).

O denominado Lar de Idosos (2), com ou sem finalidades lucrativas (Simões; Sapeta, 2018) – chamado de Instituição de Longa Permanência para Idosos no Brasil –, é definido como

o estabelecimento em que sejam desenvolvidas actividades de apoio social a pessoas idosas através do alojamento colectivo, de utilização temporária ou permanente, fornecimento de alimentação, cuidados de saúde, higiene e conforto, fomentando o convívio e propiciando a animação social e a ocupação dos tempos livres dos utentes (Ministério do Trabalho e da Solidariedade - Portugal, 1998, p. 767).

De acordo com o artigo 3º da Portaria n.67/2012, do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social de Portugal, que define as condições de organização, funcionamento e instalação das estruturas residenciais para pessoas idosas, são objetivos dos Lares de Idosos:

- a) Proporcionar serviços permanentes e adequados à problemática biopsicossocial das pessoas idosas; b) Contribuir para a estimulação de um processo de envelhecimento ativo; c) Criar condições que permitam preservar e incentivar a relação intrafamiliar; d) Potenciar a integração social.

Apesar de idealizadas com o intuito de serem benéficas aos indivíduos institucionalizados, as ILPIs também promovem certas perdas; ou, então, o próprio ingresso do idoso a uma delas é decorrente de uma perda prévia, seja de habilidades, de autonomia ou até mesmo do cônjuge, como no caso de António: “a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias” (Mâe, 2016, p.37).

Esta é a frase que inaugura a experiência de António em uma ILPI, e que revela como, muitas vezes, esse ingresso, além de não ser voluntário, reforça e intensifica um luto prévio (no caso, a morte da esposa) por agregar a ele outras perdas que a vida institucionalizada acarreta. O posicionamento do personagem frente a essas perdas é definido por Silva e Pessoa (2021) como trágico, visto que ele é submetido a infortúnios com os quais não consegue viver por meio da razão, recorrendo, num primeiro momento, apenas à expressão da dor.

Um exemplo significativo de uma dessas perdas é o distanciamento progressivo do idoso em relação à sua família (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013), visto que, agora, o contato físico com ela passa a ocorrer somente por visitas previamente agendadas, limitadas a um curto período de tempo; ou, quando elas não ocorrem, por correspondências. Em sua obra, Valter Hugo Mâe explicita esse desamparo sentido pelo personagem António, expresso em falas, como: “sentei-me numa cadeira pensando [...] que talvez eu não resistisse mais sete dias sem os ver ou sem chorar” (Mâe, 2016, p.50). E: “eu me senti um idiota por ter julgado algum dia que as suas visitas [da filha] iam ser constantes” (Mâe, 2016, p.60).

Aqui analisamos que, para o personagem – e talvez para os moradores das ILPIs –, as visitas sejam insuficientes para suprir a necessidade afetiva dos idosos, e que há uma tendência de elas se tornarem cada vez mais esparsas com o tempo.

Assim, a institucionalização pode dificultar a manutenção de um vínculo afetivo ou até mesmo positivo dos idosos com seus familiares, o que muitas vezes também é sentido por eles como um luto em relação às conexões que deixam de ter. Essa perda de proximidade com a família também está intimamente atrelada a outro tipo de luto vivido pelos idosos institucionalizados: a perda de sua função familiar, conforme afirmam Santos, Faria e Patiño (2018, p. 6): “o idoso sente que deixou de ter significado para seus familiares

e amigos". Esse pesar pode ser percebido em António, quando seus pensamentos rondam sobre como ele se considerava apenas mais uma ‘tarefa’ na rotina de seus filhos, e que seu papel como pai se tornava vazio à medida que eles seguiam com suas próprias vidas e afazeres (Mãe, 2016).

Outro importante exemplo de perda presente na institucionalização se refere à de liberdade e à de autonomia. Conforme apontado por Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2013), as ILPIs apresentam um modo de funcionamento pautado por regras rígidas, compondo uma rotina altamente repetitiva e pouco diversa. O idoso se encontra, portanto, inserido em um espaço-tempo no qual ele, além de não poder sair e entrar livremente, não é apto mais a fazer as próprias escolhas ou a praticar atividades que não sejam as oferecidas pela instituição, o que resulta em uma grande inibição de sua subjetividade e em uma limitação da sua vida. Na obra, António descreve seu quarto na instituição com paredes totalmente brancas e sendo “todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas de dentro do edifício” (Mãe, 2016, p.38). Ou seja, parece não haver espaço para ele se sentir dono de sua própria vida, ou mesmo de se expressar ali.

Relacionada diretamente com a supressão da autonomia e da liberdade, a perda progressiva de habilidades, sejam elas motoras, emocionais ou sociais, é uma consequência direta aos idosos que habitam em um espaço restrito geograficamente, socialmente e culturalmente. Como a visão difundida atualmente é a de que velhice é sinônimo de incapacidades (Santos; Faria; Patiño, 2018), o comum é que, dentro das instituições, os idosos sejam privados até mesmo de realizar atividades simples do cotidiano, visto que os funcionários, muitas vezes, consideram-nos inabilitados para tais tarefas. Dessa forma, eles exercitam cada vez menos seus corpos e mentes, quando institucionalizados.

De acordo com Santana (2008), o olhar dos idosos para a morte é construído por uma narrativa que associa o declínio funcional com a morte, visto que esse declínio pode indicar dependência de outras pessoas. Essa construção ainda permanece na sociedade, como evidenciado na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*, onde os quartos na ILPI tinham vista para o cemitério quanto mais velhos os residentes ficavam – os recém-chegados tinham vista para o parque. Para Santana (2008), é necessário desvincular essa associação de declínio e morte com a velhice, que não se enquadra como regra para todos, visto que a morte pode ocorrer em qualquer momento da vida. Contudo, é preciso admitir que existem perdas significativas e recorrentes nessa fase da vida, o que revela, de forma mais

impactante, a finitude.

Durante a narrativa, António analisa a disposição intermediária do lar: entre a vida social livre e a institucionalização, entre a governança da própria vida e a submissão às regras, entre a potência e a deterioração do corpo, entre a vida e a morte. Enfatizam-se, desse modo, as particularidades do lar *Feliz Idade* e as implicações na vivência singular da morte e do luto por seus residentes.

A ironia contida no nome *Feliz Idade* evidencia o abismo entre a representação social da velhice e a realidade vivida pelos idosos nessa instituição. O termo *feliz*, como um estado de espírito de alegria, acoplado à *idade*, que é negada e vergonhosa nessa fase da vida, demonstra uma intencionalidade superficial em que a sociedade violenta busca se esconder, mascarando a outra face da velhice, que lida com a solidão, o luto, a negligência, a discriminação, a opressão, a debilidade física e a constante ideia da mortalidade, que são disfarçados pelo conforto dessas palavras. Assim, a ILPI deixa de ser um espaço de acolhimento para se tornar um depósito de corpos rotulados pela idade, de forma que António, ao afirmar ter sido “metido” lá, simboliza a violência dessa objetificação, forçado a habitar em um lugar onde sua subjetividade é negada. O personagem se recusa a participar da encenação de felicidade obrigatória durante o luto, como exemplificação na frase: “se aquela enfermeira pudesse acabar com aquele sorriso, ao menos acabar com aquele sorriso, seria mais fácil para mim entender que os meus sentimentos valiam algo” (Mâe, 2016, p.38). Em outro trecho, o lar da Feliz Idade é comparado a um “matadouro”: “o lar da feliz idade, assim se chama o matadouro para onde fui metido, que irônico nome, e só então me ocupava o pensamento” (Mâe, 2016, p.66).

A associação com um “matadouro” revela o apagamento das identidades e acelera simbolicamente o processo de morrer, enquanto impede que os indivíduos externem seus conflitos diante da iminência da morte. Dessa forma, o contraste entre o nome e a realidade opera como uma denúncia profunda: por trás da fachada da “feliz idade”, escondem-se a solidão mais severa e a aniquilação silenciosa da individualidade, nas quais o idoso não é mais uma pessoa, mas um corpo que ocupa o espaço dos leitos e espera por sua vez, em um silêncio institucional à própria dissolução.

Na ala esquerda, torna-se marcante o caminho que será percorrido: das camas padronizadas às lápides do cemitério e ao encontro dos vermes que cessarão, por fim, a existência daqueles que ali, um dia, residiam.

Um último luto que pode ser vivenciado na instituição se dá pela perda de

perspectivas em relação ao futuro. Ao se encontrar em um ambiente recluso, no qual a interação com a família é pouca ou inexistente; e sua autonomia, liberdade e subjetividade são inibidas, a institucionalização se torna, para muitos idosos, uma “experiência desoladora da espera pela morte” (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013, p. 826). Tal percepção também é relatada pelo personagem António, que enxergava na ILPI não uma esperança, mas uma conformidade com o destino comum a todos que ali se encontravam: “poderia descansar ou descer para conhecer os colegas que, como eu, caminhavam para o pó com maior ou menor ansiedade” (Mão, 2016, p.40).

Assim, é visível que, em meio a uma mudança tão intensa como a institucionalização, o idoso vivencia inúmeras perdas que permeiam as dimensões física, social, emocional e constituem; dessa forma, a vivência de diversas mortes em vida, na qual o idoso se despede da vida antiga a qual sempre conheceu para se entregar a uma nova organização de viver.

3.2 Vivências de vida

A nova realidade em que António, ou senhor Silva, se encontra possibilita uma recuperação das lembranças, principalmente em relação à sua falecida esposa. A partir dessas lembranças e da tentativa do protagonista de se reconectar com o mundo ao seu redor para encontrar um novo propósito, ele começa a interagir com outros residentes da ILPI e a refletir sobre sua própria vida.

É estabelecido, durante a narrativa, um *continuum* de vida e morte que, para alguns residentes, expressa-se por meio da transição: da lucidez ao delírio, da autonomia à necessidade de cuidado, da crença nas potencialidades à descrença no futuro.

Na entrada e saída constantes dos residentes e no adoecer dos amigos, concretizam-se a universalidade e a impossibilidade de impedimento da morte. Observa-se, a todo momento e em todos os lugares do lar, a chegada dos últimos anos; e, com ela, a sensação de impotência e o medo “de ser desfeito” pela morte (Mão, 2016, p. 215):

[...] observávamos e sentíamo-nos distantes e, ao mesmo tempo, presos ali como com ferros. caramba, uma sensação de impotência terrível, a de estarmos sentados numas cadeiras quietas, quietos, a sermos apanhados à bruta pela idade, a sermos apanhados à bruta pelas doenças e pelo cínico de quem ainda é jovem e manda em tudo e nos menospreza como gente a ficar deficiente (Mão, 2016, p.215).

A iminência da morte, entretanto, não cessa a vida nem sua potencialidade. Ainda que não apresente um *continuum* de vida-morte, o lar se faz campo de vivacidade. A impotência, paradoxalmente, faz urgir o anseio pela conquista de autonomia: expressa nas cinco mulheres que exercem atividades domésticas em conjunto, formando uma aldeia impenetrável no lar; pela tomada de decisões sobre a própria vida e sobre os bens econômicos — Silva, diante da aparente indiferença do filho, o retira do testamento; e, especialmente, pela experiência ainda potente do amor — Anísio, com seus olhos de luz, ilumina dona Glória do linho, fazendo florescer a vontade de conhecer e estar com.

Extasiados pelo sentimento, dona Glória e Anísio, paulatinamente, partilham a vivacidade, ainda possível, da vida de apaixonados: semelhante à memória dos peixes, os momentos de alegria, mesmo que de curta duração, “já valerão a pena” (Mâe, 2016, p.224).

Importante destacar que a ideia da velhice como uma fase da vida assexuada é equivocada. Embora possa haver uma diminuição do interesse e da frequência do ato sexual, a sexualidade — que vai além da relação genital e inclui diferentes formas de amar — permanece por toda a vida (Debert; Brigadeiro, 2012).

Para além do amor romântico, as relações de amizade guardam características particulares de promoção de alegria, conforto, empatia e partilha dos medos. Juntos, os senhores Silva, Pereira, Silva da Europa, Anísio e Esteves enfrentam as dificuldades e os conflitos do lar. Estabelece-se, por meio da amizade, uma sólida rede de apoio.

Esse tema das relações afetivas de amizade está em consonância com a literatura técnica, que indica que “as redes de apoio e convívio construídas no âmbito institucional funcionam como estratégias eficientes de enfrentamento a situações difíceis” (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013, p. 7). Assim, a partir das reflexões proporcionadas pela obra literária e também pelos estudos teórico-técnicos realizados, entende-se que é de suma importância que a sociabilidade seja incentivada nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, pois, a partir dela, os residentes conseguem viver com mais saúde e enfrentar melhor os desafios típicos do envelhecer.

Anísio, ao apresentar dona Glória ao grupo de amigos, demonstra a importância que este amor exerce em sua vida. Os outros, por sua vez, observam-no, com uma postura de cuidado e proteção, afirmindo o laço constituído:

por maiores que fossem os corredores, e por mais pisos pelos quais se estendessem os quartos, o anísio era uma mira certa da nossa atenção havia muito, por sermos amigos e, com isso, por nos ocuparmos de o acompanhar. como seria possível desapercebermos um mês inteiro de ausências para

esconderijos de cochichos melosos em que andavam (Mãe, 2016, p.227).

Por meio da amizade, senhor Pereira e senhor Silva encontram espaço para expressar seus anseios, medos, vergonhas e rememorar o passado. Ao dividir a cama – como fez antes, com Esteves, Silva permite que Pereira chegue o mais próximo possível – física e emocionalmente. No diálogo construído, senhor Pereira relata a impotência sentida em relação à doença que possui: “já não tenho manias, só tenho dores e ansiedade e já sei bem o que me vai acontecer” (Mãe, 2016, p.234). A iminência da morte bate à porta, sendo anunciada pela deterioração do corpo. Silva, por sua vez, acalenta o amigo e é, também, acalentado: os abutres são, no fim, “criação dos seus olhos, aqui não entram nem moscas, as janelas não abrem” (Mãe, 2016, p.231), afirmando, novamente, a solidez do laço construído pela amizade.

Ao longo da narrativa, foi possível perceber o quanto a convivência com os outros idosos fez com que Silva tivesse mais gosto pela vida e ressignificasse as perdas que vivera até ali. Mas, as perdas e a necessidade de ressignificação ao longo da vida não cessam. Um de seus amigos mais importantes foi o senhor Esteves. A morte desse amigo fez com que o senhor Silva voltasse ao seu humor deprimido e trouxesse questões, não apenas em relação à morte, mas em relação ao próprio envelhecimento: “como é que tu achas que se convence um velho como eu do valor da vida depois da morte da tua mãe. Como achas que se justifica a vida para alguém depois dos oitenta anos quando perde a mulher que amou” (Mãe, 2016, p.159). E foi na relação com os amigos, novamente, que ele teve a possibilidade de enxergar outras perspectivas e de se sentir acolhido.

Em meio às (in)certezas da morte e da heterogeneidade do luto, o lar *Feliz Idade* é, ainda, terreno fértil às lembranças, aos encontros, ao amor, às descobertas, à esperança. Com os amigos, Silva – e o leitor – avançam, em conjunto, naquilo que subjaz à aparência do lar: a potencialidade da vida, proporcionada pelo encontro.

A importância dos laços afetivos na velhice está presente nessa obra literária e é enfatizada pela literatura científica. Apesar de alguns estudos levarem em consideração apenas o aspecto quantitativo das relações afetivas, focando nas significativas perdas que ocorrem, inevitavelmente, nesta fase da vida, Vilar (2020) identifica, em seu estudo, que uma característica importante desses laços é, na verdade, de ordem qualitativa, incluindo também a relação com animais de estimação, lugares, objetos e memórias. Então, mesmo que, por vezes, os vínculos construídos nas ILPIs ocorram de forma breve (pela separação ocasionada pela morte), ainda assim mantém seu valor qualitativo, devido ao apego a

memórias que, de certa forma, mantêm o vínculo preservado.

Aqui, ao discutirmos sobre a riqueza dos encontros afetivos, precisamos fazer um parênteses para discutir o papel do personagem Esteves na narrativa.

João Silva Esteves completava cem anos e, a despeito da efeméride, para Esteves, Silva e amigos, o clima não era de festa, mas de indignação: colocaram-no no andar de cima, com vista para o cemitério, e a dividir o quarto com Senhor Medeiros – um idoso totalmente dependente, definido por Silva como um “vegetal dos grandes”. No lar da Feliz Idade, condena-se o residente à morte pelo encaminhamento aos quartos de cima, como fizeram com Esteves. Metaforicamente, quão distante estava Esteves de Senhor Medeiros? Condenados a ocuparem o mesmo espaço, ambos foram destituídos de voz, encurralados ali dentro – do quarto e deles mesmos, vivendo contra o próprio corpo, como vida que contraria a própria vida (Mâe, 2016).

O aniversário de Esteves é um evento protótipo, dotado de contradição. De um lado, ilustra o possível estatuto degradante que as ILPIs assumem, na medida em que ações, como a realocação de Esteves ao andar de cima, cerceiam não somente a liberdade de seus residentes, mas de suas subjetividades. Por outro lado, evidencia a potencialidade característica das relações interpessoais desenvolvidas neste contexto para a manutenção do bem-estar emocional e subjetivo dos residentes. A presença cotidiana, a admiração, a empatia, a segurança e a confiabilidade estabelecidas nas amizades entre os residentes possuem caráter verdadeiramente revolucionário, seja ao adversar as limitações e lacunas institucionais, familiares e sociais às quais os idosos (e particularmente os residentes de ILPIs) estão sujeitos; seja na singularidade construída no desenvolvimento e na manutenção desses relacionamentos (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013; Mâe, 2016).

Assim como já afirmamos anteriormente, os relacionamentos interpessoais positivos desenvolvidos nas ILPIs se instituem como fragmento da possibilidade de uma institucionalização mais humanizada, correlato a seus efeitos no bem-estar físico, emocional e subjetivo da pessoa idosa. A quantidade e, especialmente, a qualidade dos vínculos são fatores determinantes à saúde da pessoa idosa; e, em se tratando das ILPIs, o envolvimento emocional e afetivo entre os residentes possibilita uma experiência favorável e humana do contexto institucional (Alves-Silva; Scorsolini-Comin; Santos, 2013).

O caráter singular dos relacionamentos interpessoais desenvolvidos nas ILPIs desponta na amizade entre Silva e Esteves, e seu aspecto alentador e amistoso se

materializa no episódio posterior a seu aniversário. Esteves entra no quarto de Silva: não conseguia dormir em virtude da presença de Senhor Medeiros. Sentou-se ao pé da cama, cansado, em sofrimento. Esteves, sem metafísica, possuía ainda consigo muita metafísica, mas temia que lhe roubassem-na – roubassem-na com máquinas capazes de tirar-lhe a metafísica, máquinas que lhe roubariam a metafísica, para que então o enterrassem. E se não houvesse máquinas, em seu quarto havia o próprio Medeiros, a sugar-lhe a metafísica enquanto esgotava a sua própria. Silva o convida a se juntar a ele, a dormir em seu quarto e a dividir a cama. Ao amanhecer, Américo os encontra a dividir o quarto, e os três põem-se a rir da circunstância. Esteves amanheceu a rir, na manhã posterior ao seu aniversário de cem anos (Mãe, 2016).

É um fardo muito grande a se carregar: o de ser Esteves, sem nenhuma metafísica. A “caligrafia rápida” (Pessoa, 2006, p.138) dos versos de Fernando Pessoa eternizara não somente a tabacaria, o nada, ou até mesmo Esteves: eternizara Esteves, *sem metafísica*. Graças a Valter Hugo Mãe, Esteves teve, na literatura mundial, um retorno tão lendário quanto seu começo. Ainda que de caráter ficcional, a obra põe o leitor (e aqueles que tiveram Esteves e o adeus de Pessoa a ele eternizados em sua vida) a pensar: o que foi de Esteves, sem metafísica? O que seria *ser* Esteves, sem metafísica? Agora, damos adeus novamente a Esteves, com uma dica: a de que talvez nem Pessoa fosse capaz de não possuir metafísica alguma; de encontrar em nós, leitores de Pessoa, aprendizes do pessimismo, demasiada metafísica destinada à procura de não ter nenhuma e à figura de Esteves. Valter Hugo Mãe restaura Esteves para nos mostrar que a metafísica ainda vive (Mãe, 2016; Pessoa, 2006).

E, por falar no potencial da escrita em Mãe e Pessoa, uma das atividades que trouxe vida a senhor Silva foi justamente a escrita. A partir das cartas de amor que escrevia à dona Marta, o senhor Silva percebe estar executando uma atividade de que gosta muito e que lhe faz bem: “escrever aquelas cartas me parecia como escrever sobre mim. Aquelas cartas eram sobre mim e ajudavam-me a pensar. Ajudavam-me a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível” (Mãe, 2016, p.161).

É possível ver também, em outros trechos, como os seus amigos o incentivaram a executar essa nova atividade: “essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia Silva da Europa” (Mãe, 2016, p.172). Ainda: “e o senhor pereira acrescentou, escreva poemas de amor, amigo Silva, é sempre a coisa que mais falta. Eu sorri. Talvez pudesse escrever algo, sim. Talvez pudesse querer dizer algo às pessoas” (Mãe, 2016, p.173).

Escrever se tornou, ao mesmo tempo, uma ferramenta de elaboração psíquica na vida do senhor Silva e uma possibilidade de afetar os outros que poderiam ler aquilo que ele escrevesse – ou de provocar uma catarse, como explica Vigotski (1999).

De acordo com a Psicologia histórico-cultural, a atividade orienta o processo de desenvolvimento humano, no sentido de garantir a apropriação daquilo que foi constituído socialmente pelo gênero humano; e, consequentemente, a formação das funções psíquicas superiores; e, simultaneamente, a subjetivação do eu no mundo. São diferentes atividades que orientam esse processo ao longo da vida, desde o brincar na infância até o trabalho na idade adulta e na velhice (Reis; Facci, 2015).

Em um mundo que valoriza a produção de capital e que enxerga a velhice não como etapa de desenvolvimento, mas sim como fim da vida, a coragem de iniciar uma nova atividade aos 84 anos e de se transformar representa um envelhecimento ativo e saudável; ou seja, a escrita como atividade torna-se, para o senhor Silva (e tantos outras Silvas), uma vivência de vida.

4 Considerações finais

Os sentidos que a literatura surte e transborda são singulares a cada um. Cada leitura é nascimento dual – a cada página que se lê, nasce não somente um novo leitor, mas uma nova obra, um novo texto. Escrever sobre o que se lê é diametralmente oposto à mera transcrição: escrita é escolha, escolhe-se um sentido e direção à imensidão da literatura, recorta-se o caos e lhe imprime ordem sob a forma de conceitos e significações. A escrita é, também, materialização do binômio nascimento/morte: ao recortar o caos, o que foi deixado à borda ou ao fora, não se encontra no mesmo plano do conceito. No plano das linhas, mata-se o fora, nasce um novo sujeito e um novo texto, impresso sob autoridade de um determinado sentido.

A imensa habilidade do autor Valter Hugo Mãe em elaborar um texto costurando conteúdo e forma de maneira tão visceral transmite ao leitor uma experiência muito vívida da história do personagem António, de modo que nos tornamos aptos a sentir o que ele sente, e a compreender suas ações e reações.

Através da leitura de *A Máquina de Fazer Espanhóis* (Mãe, 2016), foi possível compreender e, principalmente, sentir e imaginar as vivências de morte e vida presentes no

processo de envelhecimento. A velhice é retratada como um estágio do desenvolvimento humano que envolve um processo ativo e de transformações, o qual dialoga entre o singular e o universal. O senhor Silva, com mais de 80 anos, é colocado diante da necessidade de resgatar sua história e de ressignificar seus sentidos sobre vida e morte, criar novas amizades e até encontrar uma nova atividade (a escrita). Tudo isso acontece de maneira não-linear, permeado por momentos bons e ruins, encontros e desencontros, assim como a vida é.

A morte, tanto física como simbólica, está muito presente na obra literária, inicialmente com a perda de sua esposa, depois com a perda de sua independência ao ser colocado na ILPI forçadamente; mas também a perda dos filhos, a perda dos amigos idosos da ILPI e, finalmente, a perda de si. O autor explora as tentativas de ressignificação e de adaptação na ILPI, os inúmeros sentimentos em relação aos filhos, as novas conexões com os outros idosos e o luto em um ambiente estranho e muitas vezes hostil.

Ou seja, as perdas – e com elas, a experiência do luto – são múltiplas na narrativa: de indivíduos, expressas pela morte de alguns residentes, como Esteves e dona Marta; e de cônjuges, como Laura; materiais, como a saída da própria moradia e da profissão anteriormente exercida, juntamente com a inserção (institucionalizante) no lar; da potência do corpo, com a ascensão da doença e deterioração das capacidades cognitivas, físicas, emocionais. Frente a tantas perdas, cada residente, de modo singular, (re)significa e se (re)organiza, conforme as possibilidades que detém.

Em *A Máquina de Fazer Espanhóis* (Mãe, 2016), existe uma interseção entre vida e morte, destacando a importância da reflexão sobre a finitude como um meio de (re)avaliar e (re)significar a existência e as construções que a sociedade tece sobre essa etapa do desenvolvimento. A obra de Mãe (2016) oferece uma narrativa emocionalmente rica, que dialoga com diversos conceitos técnicos de Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia do Envelhecimento, fornecendo uma visão profunda sobre o impacto da morte na identidade da pessoa idosa e em seu respectivo sentido da vida. Além disso, a obra nos convoca a trabalhar por uma velhice que pode e deve ser ressignificada pela sociedade como um estágio de transformação e de novas oportunidades, sendo a pessoa idosa merecedora de cuidado, e não desprezo.

A magnífica obra de Valter Hugo Mãe (2016), inserida em um contexto de ensino-aprendizagem de Psicologia do Envelhecimento, que teve o objetivo de promover a educação para a velhice e a morte, e a humanização do leitor-futuro profissional, foi um

precioso lembrete de que o envelhecimento e o final da vida merecem, a partir de um olhar técnico e sensível, respeito, amor e cuidado.

REFERÊNCIAS

- ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 820-830, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023>. Acesso em: 1 set. 2025.
- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, Maringá, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004> Acesso em: 1 set. 2025.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas cidades. 1998.
- CARREIRA, S. S. G. O mundo em minúsculas: uma leitura de “A máquina de fazer espanhóis”. **Letras**, v. 22, n. 45, p. 265-275, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/12218/7612> Acesso em: 5 set.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODÓ, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.58-75.
- COMBINATO, D. S. O potencial transformador da arte: um diálogo entre Vigotski e Antonio Cândido. **Dialogia**, n. 30, p. 101–110, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/8328>. Acesso em: 1 set. 2025.
- CUNHA, M. B. *A máquina de fazer espanhóis* nas engrenagens da alegoria. **Revista Alere**, v. 19, n.01, p.239-256, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/4480/3536> Acesso em: 5 set. 2025.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 37-51, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 1 set. 2025.
- KOVÁCS, M. J.; SILVARES, E. F. M. **Fundamentos de psicologia-morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 296p.
- LOURENÇÂO, C.C. Memória, identidade e alteridade em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mão. **Revista Desassossego**, v.15, n.30, p. 182-196, 2023. Disponível em

<https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i30p182-196>

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE. Despacho Normativo N° 12, de 25 de fevereiro de 1998. Estabelece as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento dos lares para idosos. Portugal: Diário da República, [1998]. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho-normativo/12-1998-211235>. Acesso em: 26 agosto 2025.

MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DA SEGURANÇA SOCIAL. Portaria N° 67, de 21 de março de 2012. Define as condições de organização, funcionamento e instalação das estruturas residenciais para pessoas idosas. Portugal: Diário da República, [2012]. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/67-2012-553657>. Acesso em: 26 agosto 2025.

MÃE, V. H. A máquina de Fazer Espanhóis. São Paulo: Biblioteca Azul. 2016.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (Orgs.). **Método histórico-social na Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005. cap.2, p.25-51.

OLIVEIRA, M. K. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 211-229, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200002> Acesso em: 1 set. 2025.

PESSOA, F. Poemas de Álvaro de Campos. Porto Alegre: L&PM. 2006.

PORTAL DE SERVIÇOS PÚBLICOS DA REPÚBLICA PORTUGUESA. Lares residenciais em Portugal para idosos e pessoas com deficiência. **GOV.PT**, Portugal, s.d. Disponível em: <https://www2.gov.pt/cidadaos-europeus-viajar-viver-e-fazer-negocios-em-portugal/cuidados-de-saude-em-portugal/lares-residenciais-em-portugal-para-idosos-e-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 26 agosto 2025.

REIS, C. W.; FACCI, M. G. D. Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Fortaleza, n. 6, p. 99-116, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237> Acesso em: 1 set. 2015.

SANTANA, C. S. Envelhecimento, temporalidade e morte nos relatos de idosos: Proposta de cuidados. In KOVÁCS, M. J.; SILVARES, E. F. M. **Fundamentos de psicologia-morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

SANTOS, L. A. C.; FARIA, L.; PATIÑO, R. A. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/s0102-3098a0040> Acesso em: 1 set. 2025.

SOUSA, L. E. E. M. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT na rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 253-272, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-290Xv13n25a11

25262016000200006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 1 set. 2025.

SILVA, T. V. Z.; PESSOA, T. R. O trágico e a velhice: uma reflexão sobre a finitude humana em *A máquina de fazer espanhóis*. **Fólio - Revista de Letras**. Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 117-127, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22481/folio.v13i2.9786> Acesso em: 7 set. 2025.

SIMÕES, Â.; SAPETA, P. Proteção social da velhice em Portugal. O caso particular dos lares de idosos. **Revista Kairós — Gerontologia**, v. 21, n. 1, p. 9-36, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p09-36> Acesso em: 26 agosto 2025.

VIGOTSK L.S. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. (M. P. Vinha, Trad.). **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 2010, v.21, n.4, p.681-701, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 06 nov. 2025.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1999.

VILAR, S. C. **Tecendo tapetes, redes e subjetividades: processos de re (des)(co) construção de vínculos em idosos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-22062021-183040/publico/Vilar_SC_2020.pdf Acesso em: 14 nov. 2025.

Recebido em: **05/09/2025**

Aprovado em: **31/10/2025**